



porada turística. E os portugueses identificam muito Punta Cana, identificam muito Punta Samaná, identificam muito Puerto Plata, mas a verdade é que a nossa capital tem um belo centro histórico, o primeiro centro histórico da América.

Foi, na realidade, a primeira cidade europeia na América.

A primeira cidade, a primeira fortaleza que se construiu, a primeira catedral neogótica que se construiu, a primeira universidade, o primeiro convento católico, o primeiro hospital. Também o Tribunal das Índias, o museu que agora se chama as Casas Reais, onde se julgavam os casos de toda a América, até que depois foi transferido para o Peru, que foi o segundo lugar de grande importância. Para o México e o Peru foram transferindo-se instituições espanholas já com os descobrimentos. Mas tudo estava de início na República Dominicana.

Dividem hoje a Hispaniola, a ilha onde Cristóvão Colombo desembarcou em 1492, com o Haiti, que tem uma matriz cultural diferente, antiga colónia francesa, e que é um país que

está sempre numa situação dramática. Isto afeta a República Dominicana, ou é possível à República Dominicana continuar a desenvolver-se ignorando na medida do possível o Haiti?

É impossível que nos esqueçamos do Haiti. É um país irmão e o nosso único vizinho. O que nós não somos é a solução para o problema haitiano. É uma solução que tem de vir da comunidade internacional, com esta a apoiar o Haiti no seu desenvolvimento institucional, para o regresso à democracia de um país que num determinado momento teve um bom governo. Tristemente, é um país que necessita de reforçar as suas instituições jurídicas, as suas instituições políticas e as suas instituições económicas. Qual é o nosso dever? Ajudá-los o mais que possamos. E também defendemo-nos de situações que ponham em jogo uma das nossas maiores fontes de ingresso, que é o turismo. Temos um grande amor pelo turismo. O dominicano ama o turista. Estamos a receber este ano 12 milhões de turistas. É um esforço de décadas da República Dominicana para che-

gar aos níveis a que chegou dos investimentos estrangeiros. Por exemplo, Espanha é grande investidor em matéria hoteleira. Os Estados Unidos também estão a investir muito. Eu estou a tratar para que Portugal também abra um ou dois hotéis lá, para os portugueses, que gostam de estar no lugar onde se encontram mais confortáveis. Nós não podemos colocar em risco toda uma obra histórica dos últimos 50,60 anos, desde que nos livramos de uma ditadura. Lamentavelmente, não podemos colocá-lo em risco. E por isso nós temos que salvaguardar primeiro a nossa segurança. Segundo, a nossa segurança. E terceiro, a nossa segurança.

E quando se fala de democracia na República Dominicana, esta estabilidade que traz a democracia é também importante para a imagem do país, para o desenvolvimento e para esta atração turística. A democracia funciona bem hoje na República Dominicana?

Saímos de uma ditadura. Há muitas décadas. A democracia na República Dominicana não é uma novidade. É um princípio que está

“Somos um aliado indefetível dos EUA. Há uma aliança. Eles terão a sua política. Mas nós também temos os nossos princípios. E isso sempre pode ser discutido.”

enraizado no coração de todos os dominicanos. Temos uma Constituição firme, estável, que garante estes princípios. E para nós, a democracia não é de nenhuma maneira negociável. É impossível negociar a democracia. Somos um país estável, política e juridicamente. Mas custou-nos. E como democracia, no final, todos têm direito a uma manifestação pacífica, civil e com consciência. O dominicano reconhece a sua democracia, defende a sua democracia e olha também para o futuro numa democracia ainda mais forte. Mas custou-nos. Custou-nos muito.

A República Dominicana foi um dos países com intervenção dos EUA nas primeiras décadas do século XX. Hoje o presidente Donald Trump fala do regresso da Doutrina Monroe. Como são as relações da República Dominicana com os EUA?

Sempre foram boas. Os EUA são os maiores investidores depois da União Europeia. Com muito respeito e com muito desejo de que continuem, de alguma forma, a proteger-nos. Porque é uma proteção. Quando se investe, protege-se um país. O arma economicamente. Os EUA são um aliado. E nós somos um aliado indefetível dos EUA. Há uma aliança. Eles terão a sua política. Mas nós também temos os nossos princípios. E isso pode sempre ser discutido caso apareça algum tipo de atropelamento. Nós vemos que os nossos interesses têm que ser salvaguardados a nível regional e também a nível individual. E se os EUA sempre foram um parceiro a nível militar, nós precisamos disso. Por isso a compra de barcos a Portugal. Por isso os nossos marinheiros estão aqui, treinando-se aqui. E se Portugal nos disser que também quer ser parceiro a nível militar, nós não podemos dizer que não a Portugal, com a experiência que tem. Nós estamos encantados. Assim, serão sempre bem-

-vindos todos aqueles países que nos queiram ajudar. Não vemos os EUA como um problema para nós.

O musical *In The Heights*, que foi um sucesso na Broadway e também há meses em Lisboa, foi criado pelo porto-riquenho Lin-Manuel Miranda, mas fala sobretudo da comunidade dominicana de Nova Iorque. Foi uma forma indireta da República Dominicana também mostrar um pouco de sua cultura aqui em Lisboa. Gostou do musical?

Sim, gostei. Tivemos uma participação como embaixada no sentido de os apoiar. Nós, de facto, comprámos toda uma noite deste musical para podermos promover o nosso país. A República Dominicana e Porto Rico são países muito idênticos. Comemos o mesmo, falamos o mesmo, dançamos o mesmo.

Então, Lin-Manuel Miranda retratou bem os dominicanos de Nova Iorque?

Perfeitamente, porque é igual. É a mesma coisa. Os dominicanos e os porto-riquenhos nos EUA são praticamente a mesma comunidade.

E entre os dominicanos, a ideia dos EUA como um sonho de emigração ainda continua?

Os dominicanos nos EUA contribuem muito para o produto interno bruto da República Dominicana. O nosso grande fluxo de remessas de divisas vem dos EUA. Portanto, os dominicanos nos EUA não só contribuem para o país, construíram o país. Eles envolveram-no. Amam o nosso país e mantêm as suas raízes. E isso também faz parte da sinergia que existe entre os EUA e a República Dominicana. É impossível isolar-se de uma realidade que é mais do que óbvia e que nós agradecemos. Estes dominicanos, para nós, de facto, muitas vezes, são os olhos que estão alerta, porque quando se está na ilha, mergulhados em todos os problemas políticos, muitas vezes não se vê o que eles veem. E foi essa comunidade, várias vezes, quem nos alertou de problemas futuros. Todos os estados têm um cônsul geral, porque existem quase três milhões de dominicanos nos EUA. A nossa capital tem dois milhões. Nós somos 10 milhões de habitantes. E temos metade do tamanho de Portugal. Este é um país muito bom. E surpreendeu-me a beleza, a tranquilidade e a cooperação que queriam ter conosco. De facto, gosto muito de ver a política portuguesa de abertura à Hispano-América.